



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Aluan Gonçalves Faria

**Vale do Amanhecer: História de Cultura e Fé no Distrito Federal**

Brasília-DF

2023

**Aluan Gonçalves Faria**

**Vale do Amanhecer: História de Cultura e Fé no Distrito Federal.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de História do  
Instituto de Ciências Humanas da  
Universidade de Brasília como requisito  
parcial para a obtenção do grau de  
licenciatura em História.

Orientador: Professor Dr. Luiz Paulo Ferreira  
Nogueról

Brasília-DF

2023

**VALE DO AMANHECER: HISTÓRIA DE CULTURA E FÉ NO DISTRITO  
FEDERAL**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.º Doutor Luiz Paulo Ferreira Noguerol  
Orientador

Prof.º Doutor Kelerson Semerene Costa  
Membro

Prof.º Doutor Marcos Aurelio de Paula Pereira  
Membro

## AGRADECIMENTOS

O caminho até a universidade pública não é fácil. Em diversos momentos em minha vida pensei em desistir. Fui um garoto sonhador que acreditava que um dia chegaria na Universidade de Brasília, mesmo que trabalhando de dia e estudando de noite, desde os 15 anos de idade. Desacreditado por muitos que julgavam a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como um ensino para pessoas problemáticas e atrasadas, onde ouvi muitas vezes que jamais levaria à Universidade Pública, hoje sou a prova viva de que a fé e a esperança estão dentro do coração do homem e que, independentemente da idade ou da condição social, se você acreditar, tudo é possível. A 23 anos atrás prometi a minha querida Mãe Adélia que entregaria em suas mãos um diploma da UnB mesmo que levasse muito tempo esse dia chegaria. Minha querida avó, que sonhava em ter o seu neto professor, infelizmente não conseguiu resistir ao câncer e nos deixou na reta final deste trabalho, mas sei que onde ela estiver, estará feliz olhando por mim.

Quero agradecer aos amigos que me apoiaram nesta caminhada. Ao meu melhor amigo, Luciano Gomes da Silva (Zefon), me apoiou nos momentos de grande dor, com simplicidade e tranquilidade; e a Mateus Sgambato, por me acompanhar desde o curso de Agronegócio até o curso de História, Matheus Sampaio, por sua grande ajuda nos últimos dias de trabalho, e aos demais amigos de jornada do curso, Carlos Vinicius (pimentinha) e Pedro Paulo Tominaga (PP).

Agradeço também aos meus queridos professores Vicente Dobroruka, por acreditar em mim; ao professor Kelerson Semerene Costa, por seu coração e dedicação aos alunos da Universidade de Brasília como professor e como coordenador de curso. Em meio a uma ocupação da universidade, e sem o funcionamento do sistema de computação de dados, lutou para criar uma turma de alunos que ficariam sem vagas no semestre; ao professor Marcos Aurélio de Paula Pereira, que com simplicidade, alegria e bom humor nos ensinava em noites difíceis, a quem agradeço pelas conversas e conselhos de vida após as aulas. Ao meu professor e orientador Nogueról pela humildade, carinho, paciência e apoio em todas as etapas deste trabalho como nos momentos de dor e perda ao longo desse ano. Meu muito obrigado a todos vocês.

Do mesmo modo, agradeço à minha família. À minha Mãe, Adélia, que mesmo com a perda de sua mãe buscou forças para me apoiar; ao meu Pai, Alairson, à minha querida irmã Aludy pela força em cuidar da família, ao meu querido irmão Agreny, que nos momentos de grande dificuldade estava ao meu lado. Agradeço à minha esposa, Dulce, e à minha segunda

mãe, Wanir, que me deram todos os suportes necessários sempre com muito amor e carinho para completar essa jornada.

## RESUMO

A presente monografia analisa a trajetória do Vale do Amanhecer em meio à história de Brasília para contar não somente a construção e a formação da nova Capital, mas também a trajetória de uma pioneira, chamada Neiva Chaves Zelaya, pela sua importância dentro da história e da cultura no Distrito Federal.

A Doutrina do Vale do Amanhecer se expandiu pelo Brasil e pelo exterior, sendo objeto de pesquisas e de estudos nacionais e internacionais. As análises de diversos autores sobre o tema refletem a história de uma pioneira da construção de Brasília. Pobre, nordestina, viúva e mãe de quatro filhos, Tia Neiva se transforma em uma grande líder espiritual que funda uma comunidade religiosa em torno de uma doutrina a qual conta com mais 800 mil membros e 600 templos no Brasil e no Mundo.

**Palavras-chaves:** Brasília-Pioneiros-Vale do Amanhecer-Doutrina.

## ABSTRACT

This monograph analyzes the trajectory of Vale do Amanhecer throughout the history of Brasília to tell not only the construction and formation of the new Capital, but also the trajectory of a pioneer, called Neiva Chaves Zelaya, due to her importance within history, society and culture in the Federal District.

The Doctrine of the Vale do Amanhecer expanded throughout Brazil and abroad, being the subject of national and international research and studies. The analyzes of several authors on the topic reflect the history of a pioneer in the construction of Brasília. Poor, northeastern, widow and mother of four children, Tia Neiva becomes the great spiritual leader who founds a religious community around a doctrine which has over 800 thousand members and 600 temples in Brazil and the world.

**Keywords:** Brasilia-Pioneers-Valley do Amanhecer Doctrine

## Sumário

Sumário .....	7
1 Introdução .....	7
2 Uma breve história de Brasília.....	8
2.1 A política e as transformações para a nova capital. ....	9
2.2 Brasília Simbolismo e Modernidade. ....	11
2.3 Inauguração de Brasília, a mudança para a nova capital. ....	14
3 O Vale do Amanhecer .....	17
3.1 A Origem do Vale do Amanhecer, Breve Biografia de Tia Neiva. ....	17
3.2 Transformações Inicialísticas, Os Primeiros Passos da União Espiritualista Seta Branca (UESB).....	21
3.3 A criação da OSOEC, O futuro Vale do Amanhecer. ....	24
3.4 O surgimento do Vale do Amanhecer. ....	26
4 Origens espirituais e Mentores da Doutrina do Vale do Amanhecer. ....	32
4.1 Povos Espirituais: Equitumãs, Tumuchis e Jaguares. ....	32
4.2 Mentores do Vale do Amanhecer.....	34
4.3 Locais Sagrados e Trabalho Espiritual. ....	37
5 Morte de Tia Neiva, O Legado do Vale do Amanhecer. ....	41
Conclusões .....	44
Referências.....	46

## 1 Introdução

Em meio às construções da nova capital, surgem diversos pioneiros vindos de vários cantos do Brasil com a promessa de contribuir com Brasília respondendo ao chamado do presidente JK. Muitos vão em busca do desbravamento do centro do País. Milhares de brasileiros se descolam em busca de melhores condições para suas vidas e famílias.

Brasília, na época em que foi construída, era apresentada como a esperança de uma nova fase de evolução e progresso para o Brasil. Entre os pioneiros, havia uma mulher forte e determinada chamada Neiva. Viúva e com seus quatro filhos, dirigia um caminhão de que era proprietária, o que era sumamente incomum na época. Ela seguiu para a nova capital para sustentar sua família e mudar de vida. Ao passar por várias provações, conseguiu se estabelecer na então Cidade Livre, posteriormente rebatizada de Núcleo Bandeirante, onde passou a receber um outro chamado, um chamado espiritual no qual tinha a missão de criar uma instituição que pudesse ajudar as pessoas pela caridade e pelo amor.

Ela aceitou esta missão e criou um lugar chamado Vale do Amanhecer, o qual é o objeto desse estudo Trata-se de uma comunidade religiosa que sobreviveu com muitas dificuldades a vários períodos difíceis da recente história da nossa capital, e mesmo assim, após 50 anos de sua existência, continua com sua obra de caridade.

Centenas de pessoas buscam o Vale do Amanhecer por necessidade ou curiosidade. A comunidade do Vale do Amanhecer cresceu e se tornou uma cidade. Novos desafios surgiram, contudo, as pessoas continuam com a mesma fé que sua líder tivera. Continuam lá como uma forma de resistência ao tempo e aos preconceitos. Nos próximos capítulos contarei uma breve história da capital e de seus pioneiros, assim como sobre a líder do Vale do Amanhecer, sua obra e seu legado.

## 2 Uma breve história de Brasília

Para tratarmos da História do Vale do Amanhecer, devemos falar sobre a criação da Capital do Brasil, Brasília, porque sua fundadora, como tantas outras candangas, foi atraída para a Nova Capital antes de que ela fosse inaugurada.

Desde os tempos do Império do Brasil cogitava-se a criação de uma nova capital que fosse mais ao centro do País. Alegava-se que isso facilitaria a gestão territorial porque a Capital de então, o Rio de Janeiro, deixava o Centro-Oeste e o Norte do Brasil distantes e isolados, além de ser facilmente ameaçada e atacada pelo mar por forças estrangeiras.

A construção de Brasília foi um projeto nacional que se concretizou durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), que tinha como slogan “50 anos em 5”. O objetivo era levar a capital do Brasil para o interior do país, promovendo o desenvolvimento econômico, a integração nacional e a segurança geopolítica. A ideia de transferir a capital já estava prevista na Constituição de 1891 e era reforçada por uma profecia convenientemente alterada de São João Bosco, que apontava para um lugar entre os paralelos 15 e 20, na América do Sul, como o berço de uma nova civilização.

Segundo Chaia: “Brasília é o projeto político composto por múltiplas facetas: incorpora o entusiasmo coletivo nacional; dinamiza o fluxo dos imigrantes trabalhadores agora atraídos pela construção da cidade; direciona a vontade construtora de intelectuais e artistas; e inclui na vida brasileira a sinalização de um futuro país mais justo e mais rico.”<sup>1</sup>

Juscelino Kubitschek deu prioridade máxima a essa obra. Na visão dele, Brasília era o ponto central para a integração nacional. Não apenas o Centro-Oeste alcançaria o nível de desenvolvimento do Sudeste, como seria um modelo que conduziria o resto do país a buscar inovações, sendo assim um polo de desenvolvimento nacional<sup>2</sup>.

Após a Segunda Guerra Mundial, dão-se os passos para tornar realidade o que estava previsto também na Constituição de 1946. Contudo, era necessário um esforço muito grande para que se desse início à construção da capital. Nesse sentido, havia a necessidade de que várias etapas fossem cumpridas e uma das primeiras delas era no Congresso Nacional, como a discussão sobre a necessidade de uma nova capital, sobre os custos e os acordos entre os partidos políticos envolvidos, do que tratarei a seguir.

---

<sup>1</sup> Chaia Vera **A dimensão política de Brasília** cadernos metrópole 20 p.165-178, 2ºsem. 2008.

<sup>2</sup> Holston James **A cidade modernista uma crítica a Brasília e sua Utopia** companhia das letras 1993.

## 2.1 A política e as transformações para a nova capital.

Sabemos que para Brasília tornar-se de fato a capital do Brasil, era necessária a aprovação da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. Na visão de JK, o progresso do Brasil passava por Brasília e era considerada um meio necessário para dar continuidade ao que tem sido denominado de nacional desenvolvimentismo, iniciado com o presidente Getúlio Vargas na década de 1930.

O nacional desenvolvimentismo buscava reduzir a dependência externa do Brasil, diversificar a estrutura produtiva e aumentar a renda e o emprego da população. Para isso, foram realizados grandes investimentos em infraestrutura, energia, transporte e indústrias de base, além de haver uma reestruturação do Estado para que houvesse um mínimo de eficiência no planejamento econômico, além da ampliação das políticas de bem-estar social associadas com um maior controle dos órgãos de segurança sobre os movimentos sociais.

Segundo Moreira:

“No ideário Juscelinista, o isolamento econômico e político de certas regiões explicava seu atraso econômico e, portanto, as diferenças de desenvolvimento no País, mais que isso, as estradas tornariam mais igualitária a distribuição e a apropriação do progresso econômico já existente em certas regiões, sobretudo nas áreas urbano-industriais. Deste prisma, a construção de Brasília e do cruzeiro rodoviário promovia a integração entre “interior” arcaico, atrasado e subdesenvolvido e os centros urbanos industrializados, modernos e em pleno desenvolvimento.”<sup>3</sup>

Ao analisar-se as intenções de JK sobre o objetivo da nova capital, eu o vejo como um visionário na busca de um progresso futuro. Seu pensamento era o de fazer da capital um ponto de novos empreendimentos para o desenvolvimento econômico e, assim destacar o Brasil, elevando-o ao nível dos países desenvolvidos. “No ideário de JK, a construção de Brasília conferia um sentido mais concreto à ideia de nação brasileira e desenvolvimento integral e integralizado do País.[...] a integração física e econômica, posse de território e soberania nacional”.<sup>4</sup>

Com isso, é notável que era necessário também o apoio na Câmara e no Senado, pois a mudança da nova capital não agradou a todos. Isso exigiria grande articulação nas negociações entre os mudancistas e não mudancistas, grupos parlamentares que foram se formando com o objetivo de discutir as ações para que pudesse, ou não, haver

---

<sup>3</sup> Moreira, Vania Maria Losada. **Brasília: A Construção da Nacionalidade**. Editora Edufes 1998.Pg33.

<sup>4</sup> Moreira, 1998, p.36

a mudança da capital. Isso foi algo que exigiu uma grande articulação política do presidente e de seus apoiadores, pois necessitavam convencer o congresso a aprovar as leis que visavam garantir os recursos necessários para a construção da capital.

Surge então o projeto que daria início à construção e à transferência da capital, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP), ferramenta extremamente necessária para que houvesse a autonomia do presidente para as atividades da construção da Capital. De acordo com Moreira:

“Especialmente criada para implementar o projeto mudancista, a NOVACAP foi dotada de ampla autonomia e esteve diretamente subordinada ao Presidente da República [...] Representou uma efetiva redução da participação direta dos políticos de então na condução da construção da nova capital.”<sup>5</sup>

A NOVACAP possuía então, através do poder executivo, inúmeras atribuições, desde a parte financeira, com recursos do Tesouro Nacional, como também as administrativas e ficaria responsável por outros setores, como os que lidavam com a transferência dos órgãos públicos que faziam parte da antiga Capital, no Rio de Janeiro. Essas medidas eram necessárias para que houvesse mais liberdade de ação. JK acreditava que, com maior autonomia, a NOVACAP conseguiria concluir com eficiência o seu projeto.

No Congresso Nacional o projeto NOVACAP passou por duas comissões: pela Comissão de Constituição e Justiça e pela Comissão Especial de Mudança Da Capital. O projeto foi aprovado com algumas ressalvas e com os questionamentos de alguns parlamentares e alguns partidos políticos como os da UDN (União Democrática Nacional) que tiveram uma participação na fiscalização da NOVACAP.

Nas palavras de Moreira:

“ A ineficiência da administração pública foi a maior justificativa para a criação da NOVACAP, existia uma certa unanimidade quanto ao novo papel do Estado. Este deveria intervir diretamente no desenvolvimento econômico e social do País. Mais que isso, a administração tradicional estava sendo descartada como organismo capaz de atender às novas prerrogativas do Estado e, sobretudo, de executar a construção de Brasília.”<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Moreira, 1998, p. 38.

<sup>6</sup> Moreira, 1998, p. 40.

Após ter superado esses processos, era hora de começar os preparativos para a construção da nova capital Brasília e definir seus traços, formas e símbolos.

## **2.2 Brasília Simbolismo e Modernidade.**

A construção da Nova Capital tinha também como objetivo trazer uma nova forma de representar o povo brasileiro, com novas ideias e pensamentos para trazer a Modernidade. A cidade precisava ser algo diferente, planejado e, por que não, ser única. O então presidente Juscelino Kubitschek convidou o arquiteto Oscar Niemeyer para ajudá-lo em sua missão, nas palavras de Niemeyer:

“ Comecei a pensar em Brasília certa manhã - setembro de 1956 - quando Juscelino Kubitschek, descendo do seu carro na Estrada da Gávea, parou no meu portão e, levando-me para a cidade, expôs o problema. Minha primeira reação correspondeu ao interesse que essa obra representava, interesse profissional e afetivo, pois via nela empenhado o velho amigo a quem me ligavam outros trabalhos, outras dificuldades e uma antiga e fiel amizade. Daí em diante passei a viver em função de Brasília. ”<sup>7</sup>

Niemeyer então passou a ter a companhia de Lucio Costa, cujo projeto fora sagrado vencedor no Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil. Ambos passaram a fazer a transformação de Brasília.

Foi a pedido de Niemeyer que JK viabilizou a criação do concurso para escolher um plano urbanístico para Brasília. Nas palavras do próprio Juscelino Kubitschek:

“Um concurso, para a apresentação de um Plano Piloto da nova cidade, havia sido aberto e, naquele momento, corria o prazo para apresentação dos respectivos projetos. Minha ideia inicial havia sido a realização de um concurso internacional, de forma a permitir que arquitetos e urbanistas de todo o mundo participassem do certame. Julgava que, ampliando a área de concorrência, criaria melhores condições de competição, dando origem a projetos mais originais. Realizaram-se, pois, diversas reuniões no Rio, com o objetivo de se estabelecer o critério a ser adotado e, após longos debates, dos quais participaram Israel Pinheiro, Ernesto Silva, o arquiteto Oscar Niemeyer e os assessores arquitetos Raul Pena Firme e Roberto Lacombe, foi elaborado o texto do edital que regularia o concurso. ”<sup>8</sup>

O júri do concurso foi integrado por autoridades internacionais como Sir William Holford, assessor de Urbanismo do Governo Britânico e planejador da capital da Rodésia; André Sive, da França; e Stamo Papadaki da Universidade de Nova Iorque, os quais escolheram

---

<sup>7</sup> Niemeyer, 2006. P.08.

<sup>8</sup> Kubitschek, 2000, p.61.

uma forma de eliminação prévia, devido à urgência das obras. Dez projetos foram selecionados para uma análise mais precisa, O projeto de Lucio Costa foi o escolhido e venceu o concurso.<sup>9</sup>

A vitória de Lúcio Costa trouxe alívio para Niemeyer, pois conhecia e era amigo dele. Eles tinham como mestre Le Corbusier, e acreditavam que através da arquitetura e do urbanismo, poder-se-ia mudar o pensamento de uma sociedade. Compartilhavam do pensamento dos CIAM (*Congrés Internationnaux d' Architecture Moderne*). Segundo Holston:

“ Os encontros e publicações dos CIAM formaram um consenso entre os profissionais de todo o mundo a respeito dos problemas essenciais da arquitetura, dando especial atenção aos da cidade moderna. O Brasil estava representado nesses congressos desde 1930, e Lúcio Costa e Oscar Niemeyer puseram em prática os princípios do CIAM com notória clareza.”<sup>10</sup>

O manifesto dos CIAM que traz maior clareza está na carta de Atenas. Esta propôs um planejamento urbano que dividia as cidades a partir de quatro funções: moradia, trabalho, lazer e circulação. Lúcio Costa e Oscar Niemeyer trabalharam com esse pensamento dividindo a cidade em vários setores, entre eles: o Setor de Diversões Norte e Sul; as asas Norte e Sul, para moradias; os Eixos Norte e Sul e o Eixo Monumental, para circulação ea Esplanada dos Ministérios, para o trabalho.

Além dos aspectos formais, havia também um certo conteúdo social menos explícito: a intenção era a busca de uma transformação, uma tentativa de mudança urbana a partir de um conjunto de ideias, para impor uma nova ordem quebrando algumas barreiras sociais, “nas cidades modernistas, tais convenções pretendiam impor um ambiente totalmente planejado, e desse modo, uma totalidade de percepções na qual as distinções sociais não seriam mais discerníveis.”<sup>11</sup>

Com isso, fica claro o desejo de colocar em prática, através da construção de Brasília, baseado neste modelo, uma forma de construir uma sociedade mais racional, minimamente igualitária e humana. Segundo Holston: “A grande máquina da arquitetura moderna é utópica na medida em que pretende regenerar o presente por meio de um futuro imaginado, o qual é postulado nas formas de construção, como uma cabeça-de-ponte da nova sociedade em meio à ordem vigente.”<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> Kubitschek, 2000, p.63.

<sup>10</sup> Holston, 1993, p.37.

<sup>11</sup> Holston pg.63

<sup>12</sup> Holston pg.65

Evidentemente, a sociedade brasileira que construiu Brasília soube rechaçar a cabeça de ponte, apesar de manter parte das formas imaginadas por Lúcio Costa e por Oscar Niemeyer.

Com base nos princípios expostos, era hora de dar continuidade à obra pois a proposta era grande, o tempo curto e a cobrança implacável. Brasília precisava estar concluída não só fisicamente com prédios e estruturas, como também funcional e burocraticamente. Era necessário transferir tantos quanto possível os órgãos públicos e seus funcionários para a nova capital.

### **2.3 Inauguração de Brasília, a mudança para a nova capital.**

Com várias obras finalizadas em Brasília, mas com o Plano Piloto ainda grandemente desabitado, era necessário fazer a transferência das pessoas que iriam compor a nova capital. Foi então que JK criou junto com a Novacap o Grupo de Trabalho de Brasília, o GTB formado em 1958. “Kubitschek encarregou o GTB de preparar sugestões, na forma de planos e cronogramas, para todas as questões relativas à transferência dos órgãos governamentais e de seus funcionários.”<sup>13</sup>

Com essa força tarefa, era necessário um amplo diálogo com todos os representantes das áreas responsáveis pela transferência dos funcionários em torno dos critérios para a ocupação das áreas destinadas à habitação e suas funções. Após as análises feitas pelo órgão, foram decididos os critérios para morar em Brasília e entre eles estava a ocupação dos cargos em que estavam lotados nos órgãos do governo. Estes teriam preferência na ocupação das unidades residenciais já prontas do Plano Piloto.

Havia disputas entre a Novacap e o GTB em torno da ocupação das residências. De fato, havia superposição de funções entre os dois órgãos: ambos recrutavam trabalhadores, executavam a construção e a finalização das obras. Nas palavras de Houston:

“De um lado, os planejadores do GTB tinham como objetivo a nivelção de status anteriores, distribuindo os mesmos direitos a cidades e classes sociais diferentes, isto é, procuraram criar um grupo de status a partir de muitos diferentes. Esse princípio de igualdade, como os planejadores o denominaram, estabelecia uma mistura igualitária de diferentes classes na mesma área residencial. Contudo, a mistura provou-se explosiva desencadeando conflitos de classe e de status entre os moradores [...] e por fim à marginalização da classe mais baixa dos funcionários públicos da cidade”<sup>14</sup>.

Além dos funcionários públicos, havia os trabalhadores que foram contratados pela Novacap, os candangos, que ao contrário do que pensavam os organizadores, não foram embora depois da inauguração. Pelo contrário, buscavam também o direito de permanecer na nova capital, “a discriminação coletiva a que estavam sujeitos estabeleceu bases para alianças interclasses em torno das reivindicações para morar no Distrito Federal”<sup>15</sup> Grande parte dessas reivindicações fizeram o Estado reconhecer as necessidades de uma expansão. As cidades satélites foram implementadas como uma das soluções possíveis para o problema, mas não a única possível.

---

<sup>13</sup> Holston pg 202.

<sup>14</sup> Holston, 1993, p, 206.

<sup>15</sup> Holston, 1993, pg. 208.

Apesar das grandes dificuldades e lutas, Brasília é inaugurada em 21 de abril 1960. Foram anos de muitas cobranças e contratemplos, críticas e quase uma suspensão das obras, contudo, era a hora de celebrar e ver a obra pronta, um dia marcado pelo resultado do esforço e reunião de todos aqueles que de alguma forma contribuíram para o resultado. Pedreiros, marceneiros, engenheiros, políticos e arquitetos, todos juntos, participaram da inauguração da grande obra. Ali, supostamente, não se viam classes sociais. Eram todos unidos por um propósito, um sonho de unificar o país, trazer não só o desenvolvimento para o Centro Oeste, como também registrar na lembrança de que cada um que estava ali tinha um pedaço de si guardado na memória da cidade. A maioria podia dizer, meu sangue e suor estão ali na nova capital. Nas palavras de Kubitschek:

“Brasília só pode estar aí, como a vemos, e já deixando entender o que será amanhã, porque a fé em Deus e no Brasil nos sustentou a todos nós, a esta família aqui reunida, a vós todos, candangos, a que me orgulho de pertencer. — Declarei, e prossegui: Viestes, alguns de Minas Gerais, outros de Estados limítrofes, a maioria do Nordeste. Caminhastes de qualquer maneira até aqui, por estradas largas e ásperas, porque ouvistes, de longe, a mensagem de Brasília; porque vos contaram que uma estrela nova iria acrescentar-se às outras vinte e uma da Bandeira da Pátria. Reconheço e proclamo, neste momento, que sois a expressão da força propulsora do Brasil. Tínheis fome e sede de trabalho em um país em que quase tudo estava e está ainda por fazer.”<sup>16</sup>

Segundo as memórias de JK, a multidão de joelhos aguardava o tocar do sino, que sinalizaria a benção do Papa João XXIII. “À consagração da hóstia pelo Legado do Papa, fez-se ouvir o sino que tangeu pela morte de Tiradentes. O velho bronze ressoou na noite tranquila do Planalto, anunciando a inauguração da nova capital, sonho dos Inconfidentes. Os ponteiros marcavam a meia-noite. Iniciava-se o dia 21 de abril de 1960.”<sup>17</sup>, Nas palavras de Kubitschek:

“Saudando e abençoando Brasília e os brasileiros, assim falou o Papa João XXIII, diretamente do Vaticano, em português: "Da Bahia de Todos os Santos a Piratininga e ao Rio de Janeiro, sob o impulso do exemplo sempre vivo da nobreza de Anchieta, e encorajado pelas proezas heroicas das 'Bandeiras do Sul' e das 'Jornadas do Norte', pelo arrojo do seu presidente, o Brasil assenta os alicerces de sua nova capital, em um planalto central de seu imenso e rico território, qual um guardião sobre os destinos da Nação. Brasília há de constituir um marco milionário na História já gloriosa das terras de Santa Cruz, abrindo novos horizontes de amor, de esperança e de progresso entre suas gentes que, unidas na mesma fé, tornar-se-ão aptas aos maiores cometimentos.”<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Kubitschek, 2000, p.370.

<sup>17</sup> Kubitschek, 2000, p.372.

<sup>18</sup> Kubitschek pg.373

Com isso Brasília se tornou a capital de todos os brasileiros, não só como a capital de um país, mas, com a história de vários brasileiros que se empenharam em fazer o que estava ao seu alcance, e que deixaram um legado de esperança, trabalho e união.

Foi nesse meio que Neiva Zelaya, uma viúva candanga que dirigia caminhões desde os anos 1950, viu-se em meio a experiências místicas que fundamentariam o nascimento de uma cidade não planejada no Distrito Federal: o Vale do Amanhecer.



Candangos diante do Congresso Nacional em construção

### 3 O Vale do Amanhecer

#### 3.1 A Origem do Vale do Amanhecer, Breve Biografia de Tia Neiva.



Tia Neiva

O Vale do Amanhecer surge da visão de Tia Neiva, médium Clarividente da doutrina do amanhecer. Segundo Reis:

“Em 1957. Neiva Chaves Zelaya contava 32 anos de idade. Criada em uma família tradicionalmente católica e naturalmente alheia aos *fenômenos espirituais* pelos quais era agora responsável, teve dificuldades em compreender e aceitar a manifestação de sua mediunidade. Instalava-se um conflito de ordem psíquica, o que evidenciam as fontes, tanto as narrativas de memória quanto os registros escritos. De Tia Neiva: seu quadro de referências epistêmicas e éticas não lhe proporcionava o alicerce capaz de exteriorizar sentidos para o que se lhe revelava irrefreável e incompreensível.”<sup>19</sup>

A História do Vale do Amanhecer passa pela biografia de Tia Neiva. A partir de fenômenos de foro íntimo, oportunamente interpretados como mediúnicos, Neiva Chaves Zelaya, conhecida como Tia Neiva, forma a maior comunidade religiosa da América Latina. Nascida em Propriá, em Sergipe, em 30 de outubro de 1925, “era filha de Antônio Medeiros Chaves e Maria de Lourdes M. Chaves (...) Sua origem humilde a fez parar os estudos no terceiro ano primário, talvez por viver uma infância bastante movimentada, sempre viajando e morando em diversos lugares no interior do Nordeste, ao acompanhar seu pai, que tinha por trabalho a medição de terras.”<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Reis, 2010, p.100.

<sup>20</sup> Cavalcante, 2011, p.53.

Aos 18 anos, Tia Neiva casa-se com Raul Zelaya Alonso, nascido no Rio de Janeiro com ascendência argentina. Ele era um entusiasta da Marcha para o Oeste. Ele e tia Neiva buscaram na região Centro Oeste, mais precisamente em Ceres, a Colônia Agrícola Nacional de Goiás. Instalaram-se lá com objetivo de atender à demanda por mão de obra resultante da política de integração econômica do período do governo de Getúlio Vargas<sup>21</sup>.



A relação de Raul Zelaya Alonso com Bernardo Sayão, conhecido pelo casal em Goiás, mudaria a vida de Tia Neiva futuramente:

“Em Jaraguá apresentada por seu marido ao agrônomo Bernardo Sayao Carvalho júnior (1901-1959), que, na oportunidade fora designado pelo governo federal, administrava a colônia agrícola nacional de Goiás (CANG), entidade governamental que, na esteira na marcha para o oeste, objetivava estimular a ocupação, povoamento e a interligação de regiões interioranas ainda inexploradas. Raul Zelaya Alonso definia-se como homem de confiança de Sayao ao secretariá-lo na administração da CANG. Mais tarde, em 1956, Bernardo Sayao será indicado como um dos diretores da (NOVACAP). Relatam os familiares de Tia Neiva: do agrônomo e amigo teria se originado o convite para Neiva Chaves Zelaya se integrasse ao sonho de lançar os alicerces da capital no Cerrado”.<sup>22</sup>

Tia Neiva, em 1949, fica viúva com quatro filhos Biológicos e com uma filha adotiva. Começava, então, uma jornada comum a muitas mães brasileiras daquele período. Sem o apoio do marido e com vários filhos, vai à luta e começa a trabalhar com os poucos recursos que tinha. Montou um pequeno estúdio de fotografia em Ceres, o qual sustentava a família. Sentia-se muito mal ao manipular os produtos químicos para a revelação das fotos, algo que afetaria seu pulmão e traria consequências graves à sua saúde, futuramente.

Entretanto não desistiu e com os recursos adquiridos com a venda do estúdio fotográfico comprou uma propriedade onde passou a cultivar gêneros alimentícios. Infelizmente os recursos eram escassos e sem dinheiro para a mão de obra, acabou por desistir da propriedade e comprou um caminhão. “Inicialmente se transfere de Ceres e vai para a cidade de Anápolis, onde se dedica profissionalmente a realizar, com seu caminhão, transportes e fretamento de cargas. As Minas Gerais a receberiam na sequência, mais precisamente na cidade

<sup>21</sup> Reis, 2008, p.138.

<sup>22</sup> Reis, 2008, p.139.

de Uberlândia que principiava nos anos 1950. Os caminhos escolhidos a conduziram inclusive para ao sudeste e sul do Brasil”<sup>23</sup>.



Tia Neiva e seu 1ºcaminhão

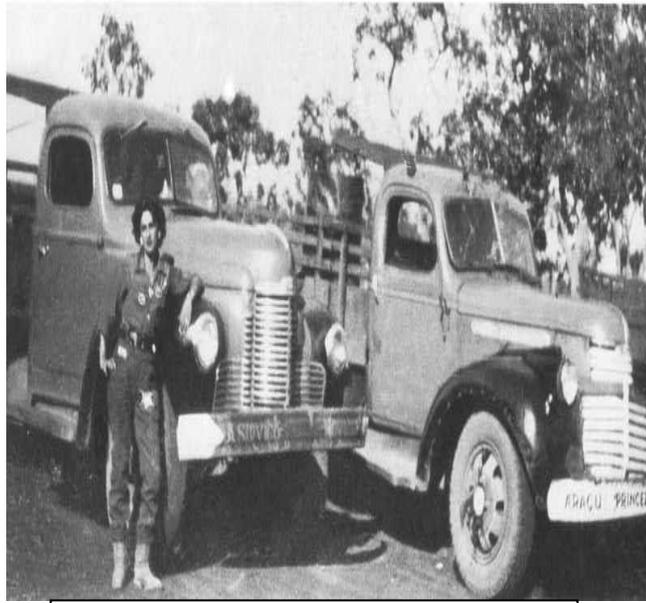
Durante as suas saídas para as viagens dirigindo o caminhão, seus filhos ficavam sob os cuidados da filha adotiva, mais velha, Gertrudes. Como motorista, Tia Neiva transportava trabalhadores do Nordeste para Goiás, onde infelizmente passa por grandes dificuldades, como quando o caminhão que foi roubado. Após essa triste passagem, Tia Neiva recomeça e passa a ser costureira em uma outra cidade goiana.

Em 1954, Tia Neiva muda-se para Goiânia e passa a ser motorista de ônibus coletivo, onde passa cumprir uma jornada de trabalho acompanhado pelo seu filho mais velho ajudando-a como cobrador. No mesmo período, uma das suas filhas mais velhas passa a ajudar nas despesas de casa trabalhando em um jornal local, o que favoreceu uma melhora de vida na família e a aquisição de um novo caminhão.

Em maio de 1957 uma mudança afetaria totalmente a sua vida. O antigo amigo de seu esposo, Bernardo Sayão, estava com a missão de construir a nova capital junto com outros pioneiros e recrutava pessoas para trabalhar em Brasília. Fez um convite para Tia Neiva e ela se estabeleceu na Cidade Livre, conhecida hoje como Núcleo Bandeirante. Reis (2008) descreve uma passagem muito interessante sobre Tia Neiva e sua relação com as pessoas com quem trabalhava na capital: “Neiva, segundo testemunhos dos que a acompanhavam quando do seu envolvimento com a construção de Brasília, conforme registramos alhures, era conhecida como *baiana*. Afirmam seus companheiros que se tratava de uma mulher determinada, que lhes exigia o respeito, realçam ainda, o fato de que a jovem morena se distinguia por transportar em seu

<sup>23</sup> Reis, 2008, p. 142.

caminhão, adicionada a uma pochete de uso particular, arma de fogo com o qual ressaltam seus familiares, imaginava-se resguardada dos eventuais riscos que sua vida nas estradas poderia lhe proporcionar”<sup>24</sup>



Tia Neiva e seus Dois Caminhões

Ainda em 1957, Tia Neiva conseguiria, com todo o trabalho conseguido em Goiânia, a compra de dois caminhões que passou a registrar na NOVACAP com os quais, com muito esforço e determinação, lutava como outros pioneiros para construir as bases da nova capital. Tia Neiva em 1985 dá um depoimento a uma repórter falando um pouco sobre sua passagem como motorista de caminhão:

“(Repórter): A decisão de ser caminhoneira, principalmente em se tratando de uma viúva jovem e bonita, custou muito caro para a senhora? (Tia Neiva): custou, mas valeu a pena. Eu sabia, eu sentia que tinha proteção de Deus. Eu sempre me considerei uma boa motorista. Dirigi por várias estradas deste Brasil. Naquela época, os carros não tinham a mecânica de hoje e nem as estradas eram pavimentadas, a não ser umas poucas, nos troncos principais. Por isto, **eu era respeitada** pelos meus colegas. Justamente **por ser considerada boa motorista** e boa companheira.”<sup>25</sup>

<sup>24</sup> Reis, 2008, p. 150.

<sup>25</sup> Marlene, 1985, p. 13.

### **3.2 Transformações Iniciáticas, Os Primeiros Passos da União Espiritualista Seta Branca (UESB).**

Ainda no ano de 1957, Neiva Chaves Zelaya passa por uma mudança. A então Neiva caminhoneira e pioneira que cortava as estradas do Brasil na luta por condições de vida melhores para a sua família, junto com outros pioneiros que formariam as bases para a nova capital do país, passa a perceber que algo não lhe estava bem. A princípio, ela achava que estava sobrecarregada de trabalho e de responsabilidades, contudo passou a ver, ouvir e sentir fenômenos antes nunca percebidos por ela, em uma fase de sua vida em que tudo ocorria bem financeiramente.

No início do que se reconhecera posteriormente como fenômenos mediúnicos, Tia Neiva pensava que eram coisas de sua imaginação até porque sua religiosidade católica não lhe permitia tais pensamentos. Até então, o preconceito se estabelecia sobre aqueles que tinham alguma relação com o Espiritismo, mesmo sendo aqueles de origem Kardecista ou de origem de Matriz Africana, como Umbanda ou Candomblé.

Tia Neiva ainda passava por esses fenômenos e, por insistência dos amigos e dos familiares, procurou a ajuda de um psiquiatra. Na consulta, explicou pelo que estava passando e o médico passou a dar orientações sobre quais causas poderiam estar afetando a sua saúde mental. Durante a consulta, aconteceu algo inesperado, narrado pela jornalista Marlene Anna Galeazzi, a quem Tia Neiva concedeu várias entrevistas:

“... Neiva Zelaya, a viúva caminhoneira, abriu o jogo para o psiquiatra: “Acho que estou com estafa, tendo alucinações, vendo espíritos e o pior é que estou ouvindo tudo”. Quando o médico que atendia Neiva a pedido de Bernardo Sayão, com quem o marido dela havia trabalhado, tentava lhe explicar que se tratava de um caso típico de pessoa que está trabalhando demais, Neiva viu alguém surgir atrás de um biombo e iniciar um diálogo com ela. O médico prestou atenção no diálogo, que girou em torno de assuntos que ele conhecia muito bem. Coisas familiares. Tratava-se de seu pai. Só que ele havia falecido há algum tempo. Foi a partir deste momento que a motorista profissional se transformou na clarividente “Tia Neiva”, já conhecida pelos quatro cantos do mundo, e o médico tomou uma decisão inesperada. Depois de ficar lívido de espanto, apanhou seus objetos, fechou o consultório, deixou Brasília e nunca mais se ouviu falar nele.<sup>26</sup>

Após o episódio do psiquiatra, Tia Neiva passou a buscar orientação com aqueles que eram católicos, porém, sem resposta satisfatória, continuou com sua procura passando por vários lugares e centros espíritas, onde também não as obteve, pois havia ainda dúvidas sobre

---

<sup>26</sup>Galeazzi, 1985, p. 14.

o que ocorria, dados os vários elementos religiosos e culturais de sua própria criação e vivência. Foi aos poucos que passou a aceitar e a entender que fenômenos eram esses pelos quais passava, e o porquê de esses seres sobrenaturais, que apenas ela percebia, a procurem.

Tia Neiva aos poucos compreendeu melhor os acontecimentos e passou ser uma pessoa com um propósito mais humano, na contínua procura por mais respostas que lhe foram apresentadas por uma senhora, chamada Maria de Oliveira, conhecida como Mãe Neném. Ela foi uma das pessoas que ajudaram Tia Neiva em sua trajetória espiritual: “Mãe Neném, como passou a ser designada entre os da União Espiritualista Seta Branca, tratava-se de uma estudiosa do espiritismo kardecista e, ao conhecer e se deixar impressionar com a mediunidade de Dona Neiva, passou a lhe servir de referência e de instrutora nos domínios do espiritismo”

Tia Neiva, então segue as orientações de Mãe Neném em busca de uma compreensão maior do que lhe passava e passa a se dedicar exclusivamente à sua obra:



Tia Neiva e Dona Neném

“Seu propósito de agir humanitariamente, a manifestação crescente do que acreditava se tratar de uma intercessão divina a lhe orientar e a lhe reservar sentidos à existência, a crença progressiva em suas visões e revelações, a orientação advinda dos que lhe serviram de instrutores no terreno do espiritismo, a soma de suas vivências pessoais que lhe ensejaram maior experiência, a vitalidade que a idade lhe consignava e o larguear de seu círculo de relacionamentos e de tutelados culminariam com a premência de se formalizar a organização de uma coletividade em torno da qual seu *compromisso* de dar vazão a um mundo que confiava estar se descortinando a ela se veria correspondido”<sup>27</sup>

Em 12 de abril 1959, com a necessidade de organizar os seus seguidores e suas ideias, é formada a União Espírita Seta Branca (UESB), nome em homenagem ao mentor espiritual de Neiva, chamado de Pai Seta Branca. Ele seria o mentor supremo da organização que futuramente seria chamada de Vale do Amanhecer:

<sup>27</sup> Reis, 2008, p.160.

Segundo Reis (2008) na autobiografia de Tia Neiva ela relata sobre o momento da formação da UESB:

“No dia 12 de abril de 1959 em Brasília, Núcleo Bandeirante, Capital da Republica do Brasil. Seta Branca nosso mentor e guia espiritual; nos convida a formar um grupo de trabalhos, de caridade cristã. Este grupo segundo orientação; terá uma grande responsabilidade, diante de Deus. E está designado para produzir fenômenos, que servirão para abrir os olhos dos que não querem ver, e ouvir a palavra do Pai. Tomando nossas mãos com amor e carinho de pai amoroso; **Seta Branca** depois de dar todas as explicações das responsabilidades que iríamos assumir diante da **Espiritualidade Maior**. Convida-nos a meditar sobre os compromissos (assim) que se prestaria naquele momento. Declarando-nos que ficaria registrado nos livros Divinos. Todos sem hesitação colocando a mão direita sobre a de nosso mentor, que se comunicava no aparelho mediúnico de nossa dileta **irmã Neiva Chaves Zelaya**. Fizemos o juramento. Dizendo-nos o nosso amado Chefe palavras de alta espiritualidade. Naquele momento estava constituído o grupo da União Espiritualista Seta Branca. Nome este ditado pela Iara”<sup>28</sup>

Sob as orientações espirituais dos espíritos superiores Tia Neiva é informada de que deve se mudar da região onde estava para um lugar chamado de Serra do Ouro, entre Brasília-DF e Anápolis –GO. Lá, os membros da USEB passaram um período de cinco anos. Para manterem a comunidade, buscaram algumas atividades agrícolas. Nessa ocasião Neiva cuidava de 40 órfãos. Em depoimento a Mario Sassi, Tia Neiva relata como era a situação em que viviam:



Primeiro templo da UESB 1960

“Mário – começou – você não conheceu a UESB. Lá é que a pobreza se concentrava nos seus aspectos mais tristes. Meio alqueire de terra de cerrado e água escassa. Beira de estrada, a meio caminho de Anápolis, próximo à Alexânia. Quando começamos, Brasília ainda estava em obras e quase não havia assistência hospitalar. Os pobres e desajustados, que em grande quantidade vinham atraídos pela miragem de um futuro melhor, acabavam por procurar socorro lá. Nossas construções eram todas de barro e cobertas de palha. Todos os dias uma verdadeira multidão se concentrava lá. Vinham a pé, de carroça, a cavalo ou desciam dos ônibus que faziam a linha de Brasília. Traziam as moléstias mais terríveis e muitos pediam para ficar, pois não tinham para onde ir. Improvisamos um hospital à nossa maneira, e tratávamos todos os tipos de doenças. Predominavam os problemas mentais. Trabalhávamos dia e noite sem parar. Eu atendia numa pequena palhoça, bem ao meio da comunidade”<sup>29</sup>

<sup>28</sup> Reis, pag.170

<sup>29</sup> Sassi, Mário, **Sob os olhos da clarividente**. 2º edição editora Vale do Amanhecer Brasília pag.33

### 3.3 A criação da OSOEC, O futuro Vale do Amanhecer.

Após esse período de cinco anos na Serra do Ouro, devido a alguns conflitos internos e às dificuldades econômicas, houve uma cisão da UESB. Dona Neném e Tia Neiva passam a seguir Caminhos diferentes. Dona Neném segue para Goiânia-GO e Tia Neiva muda-se para Taguatinga-DF, em abril de 1964.

Tia Neiva e sua família, juntamente com alguns membros mais antigos, fundam a, Obras Sociais Da Ordem Espiritualista Cristã (OSOEC):



Tia Neiva e crianças do Orfanato.

“Em Taguatinga, os membros que acompanharam Tia Neiva construíram um barracão de madeira no lote 15-QNC 11, cedido por seu proprietário, que era ao mesmo tempo residência, alojamento das crianças abandonadas e lugar de culto. Em substituição a União Espiritista Seta Branca, fundaram a Ordem Espiritualista Cristã, registrada em cartório no dia 15 de abril de 1964. Neste mesmo ano iniciaram a construção de um templo em outro lote, distante três quadras da residência, cujo direito de posse foi comprado pela ordem espiritualista crista e em 25 de maio do ano seguinte inauguraram o templo para onde transferiram os trabalhos espirituais. A situação das crianças que eram cuidadas pela Ordem foi legalizada através da criação de um orfanato. Sua oficialização ocorreu em 15 de dezembro de 1966, recebendo o nome de Lar das Crianças de Matilde, com registro em no Conselho Nacional de Serviço Social sob o nº244.741/67.”<sup>30</sup>

No ano de 1965, juntou-se ao grupo Mario Sassi, o qual contribuiu de forma importante na OSOEC. Esse ex-funcionário da Universidade de Brasília se empenhou em registrar, reproduzir e interpretar os fenômenos que Tia Neiva manifestava criando a editora do Vale do Amanhecer. Hoje podemos ter acesso a boa parte do acervo do Vale graças a ele. Além disso, tornou-se um porta voz do OSOEC para vários grupos que buscavam respostas, entre eles pesquisadores, estudantes, jornalistas, artistas e, também, autoridades que vinham se tratar com Tia Neiva, bem como aquelas que se encarregavam da ordem pública na Nova Capital ao longo da ditadura militar.

<sup>30</sup> Galinkin,,2008, pág. 46.

“Seu Mario”, como era conhecido pelos médiuns, sempre estava ao lado de Tia Neiva para auxiliá-la em tudo o que era possível, tornando-se seu marido.

A biografia de Mário Sassi é um pouco limitada, pois ele era muito reservado. Apesar de ser uma pessoa pública dentro da instituição e de ser o porta voz da doutrina, ele por manter a própria intimidade preservada, sendo poucas as informações sobre sua história e sobre a família que formara antes de ingressar no Vale.

Apesar disso, alguns pesquisadores conseguiram traçar um antes e depois de Mario Sassi pertencer OSOEC e entre estes pesquisadores está o padre José Vicente César, o qual foi um estudioso do Vale do Amanhecer:



Mário Sassi

Mário Sassi nasceu a 29 de novembro de 1921, à Rua do Oriente, 96, no bairro do Brás em São Paulo, num ambiente social de negociantes judeus. De família pobre e simples, pais desajustados, vivendo em “cortiço”, como eram conhecidas as “favelas” de então, passou por muitas necessidades, sofrendo imenso por não ter oportunidade de desenvolver seus cabedais intelectuais. Num grupo escolar da Mooca conseguiu apenas alcançar o terceiro ano por volta de 1930/31. Fez o curso de madureza em 1945, na Escola Dr. Sousa Diniz, da Praça da Sé, seguiu um diploma de ginásio em Jacarezinho, Norte do Paraná. Depois, na Vila Mariana, cidade de São Paulo, cursou o científico. A 8 de dezembro de 1946, com 25 anos de idade, (...) desposou Mário a socióloga Moema Quadros von Nazingen que lhe deu cinco filhos, e da qual se separou em 1968. Estudou Filosofia e Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. (...) de maneira aleatória frequentou cursos de Psicologia, Relações Públicas, Jornalismo e, até, Anatomia. (...) Foi líder da JOC [Juventude Operária Católica] (...). Ávido de palmilhar caminhos não batidos, transferiu-se para Brasília em 1962 (...). Sob as graças do etnólogo e porta-voz do Governo Goulart, Darcy Ribeiro, tornou-se assessor de Relações Públicas da novel Universidade de Brasília, matriculando-se ali na qualidade de aluno de Ciências Sociais. Com a Revolução de 1964 passou a ser visado pelo novo regime implantado no Brasil. (...). Nessas circunstâncias adversas, (...) entrou casualmente em contato com dona Neiva Chaves Zelaya (...).<sup>31</sup>

O próprio Mário Sassi narra como encontrou Tia Neiva:

“Foi-me apresentada como “dona Neiva” e eu, muito a contragosto, aceitei o cafezinho. Nossa conversa foi longa e profunda. Quando deixei a casa, já de madrugada, eu havia penetrado num mundo novo. Minha vida se apresentava, então, com um quadro nítido, com uma explicação para cada fato. De repente, tudo começou a fazer sentido, a ter uma correção lógica. Senti-me invadido por forças desconhecidas e a divisar um mundo acolhedor, no qual havia um lugar para mim! Passei o resto da noite insone e excitado. No dia seguinte, tão pronto pude livrar-me das obrigações mais prementes, corri para Taguatinga. Isso se repetiu nos dias subsequentes, e, três anos depois, em 1968, mudei-me para lá. Nesse ano, eu passei a ser um Doutrinador, de tempo integral, no modesto Templo da Ordem Espiritualista Cristã.”<sup>32</sup>

<sup>31</sup> CÉSAR, José Vicente. *Atualização – Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de hoje*. n<sup>os</sup> 93/94, Setembro/Outubro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1977.

<sup>32</sup> SASSI, s/d, p.02.

### 3.4 O surgimento do Vale do Amanhecer.



Em 1968 Tia Neiva e os membros da OSOEC, após um período de permanência em Taguatinga, perdem o direito de posse do terreno no qual a ordem permanecia. Com isso, o líder espiritual do grupo, Pai Seta Branca, em 1969 ordena que Tia Neiva procure um novo lugar para a comunidade. Em 1970, a 6km da cidade de Planaltina-DF, surge o Vale do Amanhecer, nome pelo qual ficou popularmente conhecido pelos membros da doutrina em razão de estar localizado em meio a um grupo de morros. Cavalcante (2011) descreve como aconteceu a escolha do local do Templo do Vale do Amanhecer:



“Fazenda Mestre D’Arms”, com cerca de 22 alqueires – era árido e desértico, e que um dos caminhões de Neiva, em uma de suas voltas pelos arredores, teve problemas com o motor. As pessoas que estavam no automóvel foram então obrigadas a ficar ali por mais tempo, na espera do conserto da condução. De volta à comunidade, teriam relatado o acontecimento à clarividente que, dizendo estar conversando com Pai Seta Branca no momento, imediatamente afirmou ser aquele o espaço escolhido para a construção de uma nova cidade mediúnica.”<sup>33</sup>

<sup>33</sup> Cavalcante, Carmem Luísa Chaves **Dialogias no Vale do Amanhecer** Expressão Gráfica Editora 2011 pg59.

Nos primeiros anos do Vale do Amanhecer, tudo era muito precário. Não se tinha água nem luz elétrica. Ao longo do tempo, a comunidade foi se organizando entre o trabalho social e as atividades espirituais. As pessoas que cercavam Tia Neiva eram pessoas simples e de pouco estudo, contudo foram grandes desbravadores do local em busca de água para o Vale do Amanhecer. Para a utilização de um córrego, vários membros se uniram para levar parte da água para a comunidade. Nela seria formada uma cachoeira que desemboca em um lago artificial, onde fica o solar dos médiuns:

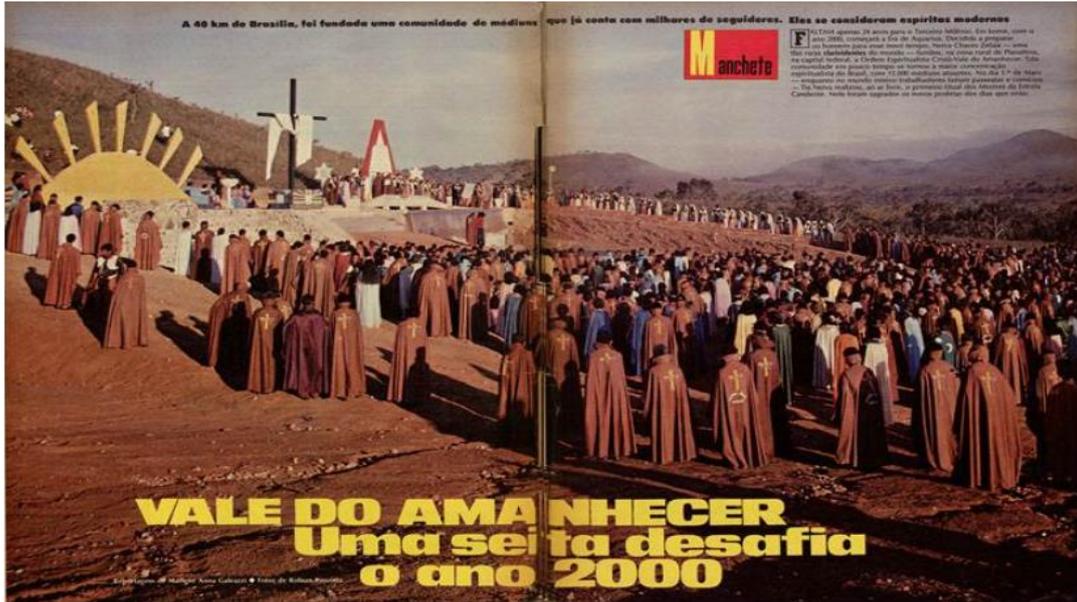


Tia Neiva e uma criança do orfanato no início do Vale do Amanhecer.

“A fixação definitiva daquelas pessoas no local, liderada pela figura carismática de Tia Neiva, remonta novamente ao gesto primeiro e inaugural do herói civilizador. O herói que, dotado de propriedades Sobre-humanas, cria protótipos ou modelos exemplares, no caso aqui estudado, de cidades. E instaura uma nova ordem: o cosmos gestado em meio ao caos indiferenciado – assim como, em uma acepção mitologizante, Fizeram Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Juscelino Kubitschek em relação à Brasília e assim como, para seus adeptos, fez Tia Neiva no que se refere ao Vale do Amanhecer. As dificuldades iniciais da comunidade foram muitas. Não havia água, luz, telefone, rede de transporte público ou qualquer condição de higiene no local. No entanto, com o passar do tempo e o esforço coletivo dos seguidores da clarividente, os problemas foram se resolvendo. Em 1970, o problema da energia foi solucionado com a vinda da água encanada e a aquisição de um gerador a diesel. Três anos depois, a luz elétrica finalmente chegou ao Vale.”<sup>34</sup>

<sup>34</sup> Cavalcante, 2011, p. 60.





Revista manchete Ano 1976(Edição 1256 (3))



Entrevista Tia Neiva ao Fantástico 1982

Mario Sassi em uma de suas obras, Sob o olhar da clarividente, relata o caso da passagem dos Híppies pelo Vale do Amanhecer. Buscavam o Vale como uma fuga para seus problemas, o que trouxe problemas com as autoridades do Distrito Federal, obrigando Tia Neiva a utilizar de sua influência para explicar o que de fato acontecia: “A notícia da presença deles no Vale se espalhou rapidamente. Diariamente, éramos visitados por agentes de polícia e de órgãos de segurança. O problema foi tomando um aspecto tão sério, que obrigou Neiva a lançar mão das suas relações com as autoridades. Estas, tão pronto se inteiraram da verdadeira razão da presença deles no Vale, passaram a dar cobertura e incentivar nosso trabalho junto àqueles jovens”.<sup>35</sup>



Nesta choupana do vale moram dois estudantes universitários de Brasília, que fazem um retiro espiritual “em busca da individualidade”. Depois do retiro, dizem, voltarão aos estudos.

**A SAUDAÇÃO USADA NO VALE SÓ TEM DUAS PALAVRAS: “SALVE DEUS”**

Outros ficaram apenas amigos e admiradores de Tia Neiva. No dia do seu aniversário, 31 de outubro, milhares de pessoas foram ali orar e cumprimentá-la. O Vale do Amanhecer recebe apenas uma pequena doação destinada ao orfanato criado por ela, o Lar das Crianças de Matilde. O nome é homenagem a Mãe Matilde, outro espírito protetor das crianças órfãs. Fora essa subvenção, o vale não aceita nada de ninguém, porque segundo Tia Neiva, “quem tem muito para dar, não

tem nada para pedir”. Somente alguns poucos amigos, totalmente integrados no espírito do Vale do Amanhecer, ajudam a pequena comunidade. Ali ninguém diz “bom dia” ou “boa tarde”. O cumprimento único é feito com duas palavras — “salve Deus” — repetidas quando se entra e quando se sai.

Convivendo com os habitantes do vale durante vários dias, captamos alguns dos pensamentos de Tia Neiva: “O mundo, ao contrário do que se diz, passa por enorme evolução, e é errado pensar que seja preciso mudar os hábitos materiais do homem para a sua melhor espiritualização. O homem só é completo quando ele é ele. Quando isso acontece, ele está evoluído.” A guerra e explicada por

Tia Neiva como uma necessidade, um fator de equilíbrio espiritual, e sua função — como a das epidemias — é retirar do plano terreno os espíritos que já cumpriram sua missão. “Esses espíritos — continua Tia Neiva —, de acordo com a sua evolução no plano astral, poderão ou não ser incorporados novamente.” Sua missão se resume em “praticar um cristianismo sem retoques — o Cristo vivo”. É sem interpretação do Evangelho ele é vivo, assegura Tia Neiva.

Mário Sassi explica que o Evangelho é interpretado de várias maneiras: a literal, a simbólica, a alegórica, a esotérica e a espiritual. Segundo ele, essa variedade tira toda a autenticidade do Evangelho. “Não nos consideramos uma religião, mas uma doutrina” — explica Tia Neiva, acrescentando: “Como objetivo, minha missão é a de equilibrar o ser humano (ou pelo menos tentari através da auto-análise. Equilíbrio em todos os sentidos: física, psíquica e espiritualmente.” Semanalmente iniciam-se cerca de 50 médiuns no vale, sem obrigações para com a ordem, “mas com obrigações para com todos os que sofrem e precisam de sua ajuda”.

Esta é a história do Vale do Amanhecer e de Tia Neiva, que conhecemos durante os vários dias que passamos naquela comunidade. Muitas histórias de curas — espirituais e corporais — envolvendo personalidades

brasileiras jamais serão divulgadas, pois seus protagonistas, rendendo graças aos céus por Tia Neiva, não querem a divulgação. Ameaçado de desaparecer, pois informou-se que as águas da barragem do rio São Bartolomeu cobrirão o vale, Tia Neiva obteve das autoridades a promessa de que o seu pequeno-grande mundo permanecerá. Enquanto isso, ela permanece sempre vestida de branco, “à espera dos corações aflitos”, cuidando dos seus orfãos, dos seus irmãos e do Vale do Amanhecer.

Nas suas horas de folga, os médiuns conversam tranquilamente antes de voltarem ao serviço no templo.



“A princípio, a gente custava a aceitar. Rapazes e moças, com colares, cabelos longos, barbas compridas, roupas coloridas e justas, misturando-se com os médiuns, incorporando, doutrinando, lidando com obsidiados e trabalhos de cura. Aos poucos, porém, eles foram conquistando a confiança dos Doutrinadores, a ponto de serem chamados para o atendimento de casos mais difíceis. Tinham capacidade mediúnica além do normal e trabalhavam com prazer. Aprendemos a amar aqueles jovens. As moças, principalmente, fazendo seus artesanatos, convivendo, sem constrangimento, na nossa pobreza, revelavam a finura dos padrões em que haviam sido criadas. Aos poucos, a finalidade da vinda deles foi-se evidenciando. Haviam terminado a busca. Pouco a pouco, foram abandonando os hábitos de que eram portadores. Alguns se encaminharam de novo às suas escolas, outros entraram em contato com os pais, que há muito não viam. Para nossa surpresa, começaram a trazer para o Vale seus genitores. Chegamos a organizar um trabalho especial de desenvolvimento mediúnico para atender a seus pais. Reconciliações dramáticas tinham lugar, de vez em quando.”<sup>36</sup>

Revista Manchete Ano 1973\Edição 1132 (5)

A comunidade do Vale do Amanhecer continuava a crescer e Tia Neiva Passou a incentivar e desenvolver várias atividades educacionais e também profissionalizantes. Ela fundou o primeiro grupo escolar, o quartel de polícia mirim e o salão das costureiras, criou um rancho, onde aconteciam churrascos e festas da comunidade. Esse espaço também era usado

<sup>35</sup> Sassi, Mário, Sob os olhos da clarividente. 2ª edição editora Vale do Amanhecer Brasília pag.52

<sup>36</sup> Sassi, pag.53

para palestras e peças teatrais. Criou também um time de futebol chamado Oriente Esporte Clube.

Em 1976, com a comunidade em expansão, houve um acordo com o Governo do Distrito Federal, que concedeu autorização para a permanência no local. Isso permitiu a Tia Neiva e sua Família a concessão das terras nas quais os membros da doutrina passaram a habitar, com a autorização e aprovação de Tia Neiva e sua família. Posteriormente, passaram a ceder ou vender os lotes, aumentando ainda mais o número de pessoas e membros da doutrina do amanhecer.<sup>37</sup>



Aniversario de Tia Neiva 30/10/1978

---

<sup>37</sup> Cavalcante, Carmem Luísa Chaves **Dialogias no Vale do Amanhecer** Expressão Gráfica Editora 2011 pg62.

## 4 Origens espirituais e Mentores da Doutrina do Vale do Amanhecer.

### 4.1 Povos Espirituais: Equitumãs, Tumuchis e Jaguares.

Foi revelado a Tia Neiva, por meio de seus mentores, a origem espiritual dos povos de que era a líder. Mário Sassi, o grande Mestre, responsável por traduzir esses fenômenos, nos revela em seus livros, 2000 a conjunção de dois planos e O que é o Vale do Amanhecer, quem eram esses povos, quais as suas origens e as missões, até chegarem ao Vale do Amanhecer atual.

Segundo a doutrina, os habitantes do Vale do Amanhecer passaram por várias reencarnações, quando estiveram em posições de grande importância na humanidade. Nas palavras de Mario Sassi (1987, págs. 20 a 30):



Símbolo dos Tumuchys



Símbolo do Jaguar

“**Equitumãs:** Há 32.000 anos – trezentos e vinte séculos atrás –, uma frota de naves Extraplanetárias pousou na Terra, e dela desembarcaram homens e Mulheres, duas ou três vezes maiores do que o tamanho médio do Homem Atual. Sua missão era a de preparar o planeta para futuras civilizações. Para isso, mudaram a topografia e a fauna, trouxeram técnicas de aproveitamento dos metais, além de outras coisas essenciais para aquele período e os que se seguiram. Chamavam-se Equitumãs, e seu domínio do planeta durou 2.000 Anos. Depois disso, o núcleo central desses missionários foi destruído por uma estranha catástrofe, e a região em que viviam se transformou no que hoje se chama Lago Titicaca. **Tumuchys:** De 30 a 25 mil anos atrás – existiram outros missionários, que se chamaram Tumuchys. Esses eram predominantemente cientistas, que estabeleceram avançada tecnologia, cujo principal objetivo era a captação de energias planetárias e extraplanetárias. Foram esses cientistas que construíram as pirâmides, ainda existentes em várias partes da Terra, incluindo as do Egito. Esses e outros monumentos megalíticos foram construídos de acordo com um planejamento para todo o planeta. Posteriormente, esses gigantes edifícios foram utilizados pelos povos que vieram depois, com outras finalidades. E os métodos científicos se transformaram em tabus e religiões. Mas, a energia armazenada até hoje se conserva, preenchendo os propósitos a que foi destinada. **Os Jaguares:** Entre 25 e 15 mil anos atrás – vieram os Jaguares. Estes foram os manipuladores das forças sociais que estabeleceram as bases dos povos e nações. Mais numerosos que os Equitumãs e os Tumuchys, eles deixaram suas marcas em todos os povos, e é por isso que a figura desse felino aparece em tantos monumentos antigos. Aos poucos, esses espíritos foram deixando para trás essas identificações, e foram nascendo em meio aos povos e nações que eles haviam ajudado a criar. A partir daí, podemos entrar na História e identificar, razoavelmente, as civilizações que se seguiram até nossa época. Nomes como chineses, caldeus, assírios, persas, hititas, fenícios, dórios, incas, astecas, gregos etc. já nos são familiares pela história”.

Através desses povos, os jaguares foram os últimos a permanecerem em contínua missão, sendo responsáveis por inúmeras guerras e catástrofes através da história, sempre cometendo inúmeros erros. Por serem responsáveis diretamente por esses eventos, passaram a reencarnar para assim poder diminuir o seu carma, em busca de evolução:

“A partir dessa origem, os destinos dos Jaguares foram convergindo para a Era de Peixes, para o nascimento de Jesus. Aqueles que eram da falange do Jaguar, que no século XVI tomou o nome de Seta Branca, fizeram seu juramento e iniciaram sua nova fase, agora sob a bandeira de Jesus e sua Lei do Perdão. Jesus iniciou a fase da redenção carmica e desde então esse grupo de jaguares passou agir de acordo com ela. Buscam através da escola do caminheiro a redenção e a evolução de seus espíritos. Hoje essa falange de jaguares e composta por mais de 30.000 espíritos, identificados através dos milênios dos milênios com as mesmas tendências e, atualmente, absolutamente integrados ao sistema cristico. Alguns desses espíritos já se redimiram-na Lei Carmica, e estão com o pai seta Branca, o responsável por ela. Outros encarnados, ainda na fase de redenção carmica, cumprem sua missão no Vale do Amanhecer. Outros ainda estão para chegar aguardando sua vez nos planos etéreos.<sup>38</sup>

A história dos povos espirituais do Vale do Amanhecer, de acordo com a Doutrina, é bastante complexa mesmo para aqueles que a seguem. Contudo, vemos que ela faz referência a vários elementos de muitas etnias, povos e religiões. O Povo de Pai Seta Branca também passou por várias reencarnações, o que explica os rituais, as vestimentas e a própria Doutrina.



<sup>38</sup> Sassi, Mário- **O que o Vale do Amanhecer**. 2ªed.brasilia Vale do Amanhcer,1987, pg30-40

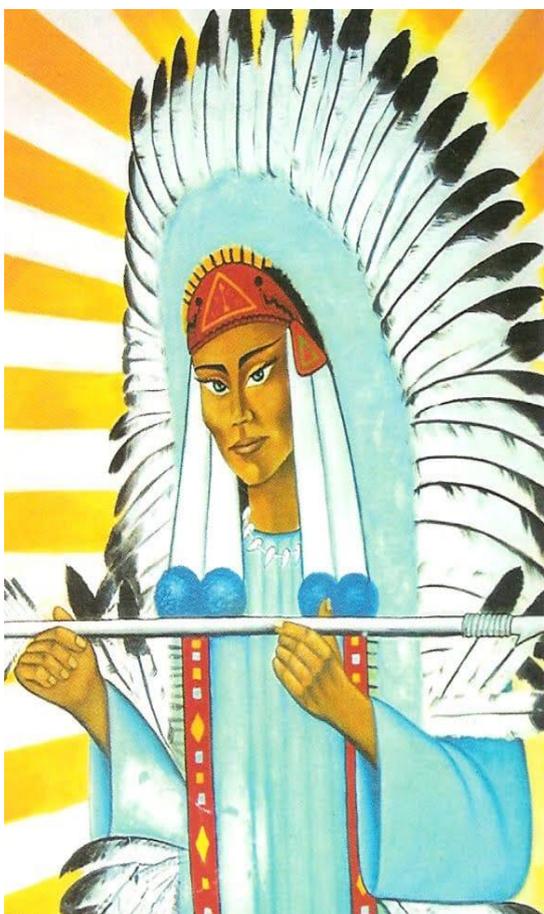
## 4.2 Mentores do Vale do Amanhecer.

O Vale do Amanhecer, de acordo com a Doutrina, possui uma grande quantidade de mentores que estão relacionados com as diferentes faixas carmicas do passado da grande tribo dos jaguares. São espíritos evoluídos que buscam, através da caridade, ajudar os médiuns nos trabalhos espirituais realizados No Vale do Amanhecer. Objetivam a cura espiritual por meio do tratamento desobsessivo. Também dão conselhos e orientações quanto aos problemas físicos e sentimentais dos que procuram o Vale.

Falarei brevemente sobre a linha por meio da qual essas entidades estão relacionadas. Existe uma hierarquia espiritual no Vale do Amanhecer, em que os mentores atuam por formas e com objetivos diferentes.

### Pai Seta Branca

Pai Seta Branca é o Mentor Maior, o Grande Líder Espiritual do Vale do Amanhecer. É dele a reponsabilidade de guiar a Tribo do Jaguar para a evolução espiritual. Mario Sassi nos fala sobre sua história:



“Bem para o oeste, nas fronteiras então inexistentes com a América hispânica, nos contrafortes dos Andes, havia um poderoso cacique, cujo exército era composto por cerca de 800 guerreiros. Nesse tempo, enquanto os portugueses, franceses e holandeses disputavam a conquista do litoral leste da América do Sul, os espanhóis penetravam ao sul e ao norte, em direção ao centro-oeste. Munidos de armas de fogo e de cavalos, sedentos de ouro e pedras preciosas, esses guerreiros desembarcados foram conquistando os territórios andinos e derrotando os Incas desprevenidos. Numa dessas batalhas desiguais, uma tribo Inca, sentindo-se ameaçada de extermínio, pediu ajuda ao poderoso cacique da floresta. Este, com seus 800 guerreiros, atendeu ao apelo e foi enfrentar os espanhóis. Poucos da tribo o sabiam, mas o grande cacique, como (...), era o espírito reencarnado de um grande mestre planetário, que já havia sido um Jaguar, um espartano, um faraó e, já na Idade Média europeia, o espírito que se chamou Francisco, canonizado pela Igreja Católica como São Francisco de Assis. Sua missão, no comando da tribo de guerreiros, era a de levar aqueles velhos espartanos à evolução. Enquanto esses sofriam as agruras do índio nômade, outros passavam pelo crivo doloroso da escravidão negra. Mas, tanto num lado como no noutro, havia muitos dos espíritos dos velhos Equitumãs, dos Tumuchys e dos Jaguares, que haviam prestado seu juramento ao Mestre Jesus dois mil anos antes. O grande cacique enfrentou os espanhóis e, agindo com muita diplomacia, evitou o derramamento de sangue, sem deixar de salvar aquela tribo Inca e, por esse feito, acrescentado à sua atuação humanitária, ganhou o nome de Cacique Seta Branca.”<sup>39</sup>

<sup>39</sup> Sassi, Mário- *O que o Vale do Amanhecer*. 2ªed.brasilia Vale do Amanhcer,1987, pg 25.

Pai Seta Branca é o mentor que, no início dos fenômenos espirituais de Tia Neiva, lhe informou sobre sua Clarividência e missão com seu povo.

“Algo único e ímpar, criado por Deus, o qual um dia na Eternidade iniciou uma trajetória, tornou-se “impuro” e, fazendo um retorno elíptico, “voltou” para Deus. No caminho mais próximo de Deus ele é um iluminado pela luz divina, se torna “de luz”. Numa outra tentativa de explicação, tomando por base o conceito de energia, o espírito de luz seria aquele que se alimenta das energias “do céu”, em contraposição do espírito em trânsito na Terra, que se alimenta das energias da natureza terrestre. Assim, Seta Branca é um espírito de Luz e, nessa condição, é um grande missionário que há milênios exerce uma missão específica: socorrer a Humanidade em seus momentos de transição”.<sup>40</sup>

### Pretos Velhos e Caboclos:

No Vale do Amanhecer, os espíritos evoluídos passam por um processo para poderem trabalhar no Vale do Amanhecer. Os membros da doutrina afirmam que eles passam por uma espécie de Universidade Espiritual, chamada **Mayanti**, onde recebem um treinamento para utilizarem as roupagens especiais para poderem manipular as energias junto com os médiuns.

Existem outras entidades no Vale do Amanhecer, porém destacarei somente os pretos velhos, caboclos e médicos.



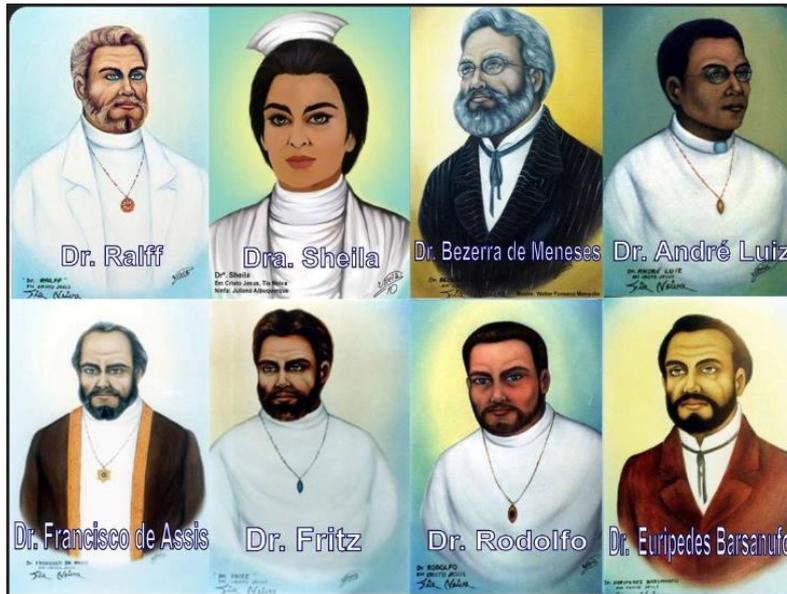
“O Vale só trabalha e aceita auxílio de espíritos que já atingiram o estágio da Luz, que já superaram a faixa carmica, que estão acima do Bem e do Mal, conforme conceito da Terra. Tais espíritos, no Vale chamados de Mentores, se apresentam com as roupagens que proporcionam melhor resultado no seu trabalho através dos médiuns. Por isso, eles usam os “macacões” de Pretos Velhos, ou os “penachos” dos Caboclos. Mesmo assim, esses espíritos dispensamos “personalismo” habitual dessas figuras e jamais interferem no livre arbítrio dos espíritos encarnados. Também não fazem uso de objetos, bebidas, charutos etc., pois seu trabalho é iniciático. A Doutrina do Amanhecer não é Umbanda, Candomblé, Quimbanda, Kardecismo, Hinduísmo, Teosofia ou Catolicismo. É, apenas, uma Doutrina com sentido universal, com base no Sistema Crístico.”<sup>41</sup>

<sup>40</sup> Mário Sassi. *Mensagens de Pai Seta Branca*. Bálamo Álvares do Brasil Lucena (ed.). 4ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1991, p. 7.

<sup>41</sup> Sassi, Mário- *O que o Vale do Amanhecer*. 2ª ed. Brasília Vale do Amanhecer, 1987, pg 27.

### Médicos do Espaço ou Médicos Espirituais de Cura.

São espíritos de luz que trabalham semelhantemente aos pretos velhos e caboclos, porém em uma linha diferente. Suas funções são as curas espirituais.



“ São espíritos de luz que se formaram na Universidade de São Francisco de Assis no Astral Superior e fazem trabalhos de cura, realizando cirurgias espirituais. Em outras encarnações foram médicos(...) os adeptos da fazem questão de frisar que pretos velhos caboclos e médicos de cura são roupagens que as entidades usam para se comunicarem com as pessoas, pois na verdade, são espíritos de luz.”<sup>42</sup>

<sup>42</sup> Galinkin, Ana Lúcia: **A Cura no Vale do Amanhecer**-Brasília-TechnoPolitik,2008 pág. 71

### 4.3 Locais Sagrados e Trabalho Espiritual.



Templo do Vale do Amanhecer dias atuais

O Templo do Amanhecer é onde se concentra a maioria das atividades espirituais. As funções desses trabalhos/rituais são voltadas para a cura e o alívio dos “pacientes”, termo usado no Vale do Amanhecer para aqueles que desejam passar pelos trabalhos mediúnicos.

Cada trabalho no Vale do Amanhecer tem um propósito específico. Dentro do grande templo existem locais onde são realizadas as atividades. Diferentemente de outros lugares, no Vale do Amanhecer não existe sacrifícios de animais e não é feita de forma nenhuma qualquer cobrança de valores dos pacientes.

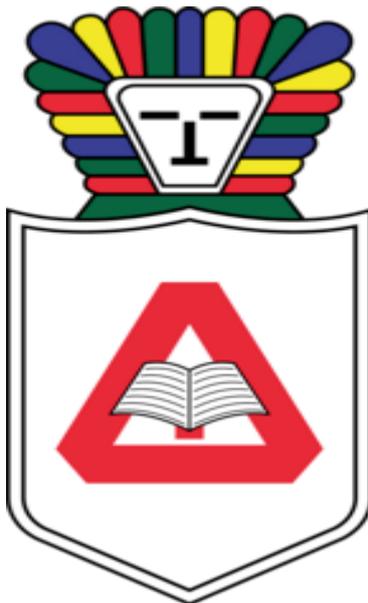
Os Trabalhos no Vale do Amanhecer consistem em trabalhos desobsessivo e curativos, O Vale do Amanhecer trabalha com duas mediunidades; o **Apará** e o **Doutrinador**, são essas forças desenvolvidas no Vale do Amanhecer que ajudam médium e o paciente a receberem os benefícios dos trabalhos espirituais.

Nos locais onde são realizados os trabalhos, os pacientes recebem a projeção das duas forças. Para a Doutrina do Vale, todo ser humano é médium, porém alguns despertam esse poder ou dom e outros, não. Mesmo que o paciente necessite desenvolver suas capacidades mediúnicas, O Vale do Amanhecer não busca converter ou insistir com os pacientes para seguir a doutrina, ficando a cada um a responsabilidade pelo caminho que segue.



Símbolo do Doutrinador

“Doutrinador. A partir da visão de mundo expressa por Tia Neiva e adotada pelos adeptos do Vale do Amanhecer, tal ofício trata-se da criação suprema da Clarividente. Mediunidade de doutrinação de espíritos atribuída a homens (Mestres) e mulheres (Ninfas), regidos pela força do Sol. Também recebe a denominação de Mestre Sol, Mestre Luz ou Ninfa Sol. Os Doutrinadores são médiuns que se encarregam de palestrar, dar aulas de desenvolvimento aos médiuns e exercer o comando dos trabalhos espirituais. O Doutrinador se propõe a dar o esclarecimento, a evangelização que racionaliza a intuição mediúcnica. É o transmissor de todo o conhecimento no âmbito do Vale do Amanhecer, tanto dos entes sobre-humanos quanto das pessoas.”<sup>43</sup>



Símbolo do Apará

“Apará. É o médium de incorporação, o Mestre Lua, que proporciona a manifestação dos espíritos em seu próprio corpo, possibilitando a comunicação desses com os Doutrinadores e pacientes. Segundo ensinou o Adjunto Amayã, Mestre Guilherme, o termo Apará foi transmitido à Tia Neiva pelos Pretos Velhos, que pediram para que o incorporador fosse assim chamado. Eles explicaram a ela que Nossa Senhora materializava-se em meio aos escravos africanos, quando trazidos ao Brasil nos navios negreiros, maltratados e feridos, para aliviar suas dores e suas angústias. “Apará! Apará! ”, era como a chamavam em seus idiomas. Por tudo isso, essa santa ficou conhecida no meio doutrinário como Nossa Senhora Apará”<sup>44</sup>

<sup>43</sup> Reis, 2010, P. 157.



### Estrela Sublimação

“Edificação construída em 1984, onde ocorre o ritual de Estrela Sublimação (ou de Nerhu). Forma elíptica que compreende assentos, chamados de projetores, para os participantes (médiums que passaram, pelo menos, pela Elevação), além de pacientes (adeptos e não adeptos). Também conta com esquifes e uma Mesa Evangélica em forma de estrela de seis pontas. Os esquifes se prestam à manifestação espiritual de entes sobre-humanos que, segundo as crenças locais, encontram-se em um nível extremamente baixo de evolução, a ponto de poderem causar malefícios aos médiums, no caso de uma incorporação. São semelhantes a sepulturas, simbolizando para os espíritos citados o recomeço de uma vida espiritual (um “morrer de novo”) e estão dispostas no interior da Estrela de Nerhu, em total de nove. A Mesa Evangélica, diferentemente da que consta no interior do Templo Mãe, tem a função de local de manifestação de espíritos em nível intermediário (nem totalmente bons, nem totalmente maus, mas voltados para a prática do mal), conforme os adeptos do Vale do Amanhecer. Nesta mesa ocorre o que os adeptos chamam de “evangelização” ou “doutrinação” dos tais espíritos. Esta edificação é importante porque nela ocorrem rituais onde há uma grande manipulação de energias positivas, que auxiliam no trabalho de doutrinação.”<sup>44</sup>



### Turigano:

“Edificação anexa ao Templo, que Comporta, ao centro, uma escultura de alvenaria em forma de cálice, denominada “Chama da Vida”. Em torno desta escultura, existe a Via Sagrada (corredor que dá acesso ao Templo, onde existe a imagem de Jesus exposta dentro de um grande candelabro de concreto), onde acontece trabalhos específicos dos médiums do Vale do Amanhecer.”<sup>45</sup>

<sup>44</sup> Reis, 2010. p. 141.

<sup>45</sup> Reis, Marcelo Rodrigues dos. **Vale do amanhecer: inventário nacional de referência culturais** IPHAN Brasília 2010. Pág149

## Estrela Candente



Solar dos Médiuns Estrela Candente

“Edificação mais importante do Solar dos Médiuns em que acontecem os principais rituais de consagração, tais como: Escalada, Anodização, Quadrante, Consagração de Adjuntos, *Dia do Doutrinador*. A edificação consiste num pequeno lago em forma de uma estrela de seis pontas, ladeado por 108 esquifes, oito projetores. No centro deste lago, encontra-se uma elipse de ferro de aproximadamente três metros de altura sobre uma estrutura triangular de alvenaria. Primeira parte do Solar dos Médiuns a ser construída por Tia Neiva, sob orientação da espiritualidade”<sup>46</sup>

<sup>46</sup> Reis, Marcelo Rodrigues dos. **Vale do amanhecer: inventário nacional de referência culturais** IPHAN Brasília 2010. Pág 142

## 5 Morte de Tia Neiva, O Legado do Vale do Amanhecer.



Apesar de abalada, os seguidores prometem dar continuidade ao trabalho da exótica Tia Neiva.

**misticismo**

**Vale do Amanhecer perde Tia Neiva**

*E cem mil pessoas comparecem ao enterro no DF*

**T**ia Neiva, fundadora da seita Vale do Amanhecer, morreu na noite da última sexta-feira, em Brasília, vítima de uma infecção pulmonar. Foi um duro golpe para os cinco mil habitantes da pequena cidade por ela fundada e transformada em importante centro místico, plantada nos limites do Distrito Federal e batizada com o mesmo nome da seita. Cerca de 100 mil pessoas compareceram ao seu enterro, percorrendo os seis quilômetros que separam o Vale do cemitério Campo da Boa Esperança, em Planaltina.

Para os seus seguidores, Tia Neiva era tudo. Mas ela própria preparou-se para a morte bem antes de sua chegada, elegendo seus herdeiros espirituais e preparando-os para dar sequência à sua obra. Assim, o novo líder do Vale do Amanhecer é Raul Zelaya, filho de Tia Neiva, que desde a semana passada já assumiu o cargo. O marido de Tia Neiva, Mírio Sassi, um paulista de 64 anos que já foi jornalista, publicitário e que se formou em sociologia pela Universidade de Brasília, continua como Primeiro-Mestre Sol — Tumuchi. Segundo Sassi, “os trabalhos do Vale do Amanhecer continua-

rão, embora seja natural esperar-se um período de abalo emocional, face à morte de Tia Neiva”.

Ele explica ainda que, “como vidente extraordinária que era, a chefe estava acima do bem e do mal para os seus seguidores. Estava acima de tudo e de todos, num lugar onde não há santos (a comunidade não reconhece os santos) nem pessoas especiais, mas apenas pessoas com defeitos e qualidades. Pessoas que estão sempre buscando o aperfeiçoamento espiritual, fazendo caridade e ajudando os seus semelhantes. Era o que Tia Neiva fazia, desde que chegou aqui até a sua morte, aos 60 anos de idade”.

Preocupado com a situação fundiária do Vale do Amanhecer, o Governador José Aparecido de Oliveira compareceu ao templo Pai Seta Branca — onde foi velado o corpo de Tia Neiva — e conversou com os médiums presentes, prometendo-lhes a doação, por parte do governo do DF, dos 22 alqueires de terra onde está instalada a entidade.

A história de Neiva Chaves Zelaya nos caminhos espirituais começou por volta de 1959, quando ela fundou em Alexandria, Goiás, seu primeiro acampamento. Dez anos depois — segundo seus seguidores, guiada por uma visão —, ela resolveu transferir-se para o Distrito Federal, fundando, então, o Vale do Amanhecer em terras da cidade-satélite de Planaltina. Começou por instalar-se num barraco de madeira, que convencionou chamar de Casa Grande. E a Casa Grande foi crescendo à medida que abrigava mais menores abandonados e na razão direta do aumento da sua legião de seguidores. A partir dali sua doutrina — um pouco parecida com a de Alan Kardec, mas com características próprias — não mais parou de crescer. A ponto de, hoje, o Vale do Amanhecer dispor de nada menos que 42 templos espalhados por nove estados brasileiros.

Ela morreu pobre, mas para seus seguidores a sua herança espiritual é incalculável. Os seguidores do Vale do Amanhecer — todos praticantes — são, hoje, mais de 70 mil, homens, mulheres e jovens que guiam suas vidas de acordo com os preceitos de “amor, tolerância e humildade”, a legenda de Tia Neiva. *Gilson Luiz Euzébio*

Revista Manchete Ano 1985\Edição 1754

No dia 15 de novembro de 1985, a revista Manchete noticia a morte de Tia Neiva, como também outros noticiários da época. Após anos de luta contra um enfisema pulmonar, Neiva Chaves Zelaya desencarna aos 60 anos de idade. Em depoimento, a médium Adélia Gonçalves de Sousa, pertencente ao Vale do Amanhecer desde 1979, relata como foi o dia da morte de Tia Neiva:

“ No dia da morte de Tia Neiva houve uma grande movimentação muitos mestres e ninfas vestidos de camisas pretas calças e saias Marrons, acompanhavam o cortejo que seguia do Vale do Amanhecer até o cemitério de Planaltina-DF, muitos foram a pé outros atrás de carro, todos chorando muito e cantando hinos da doutrina foi um dia muito triste, fiquei na lateral da via observando o cortejo passar, infelizmente não pude seguir pois estava com meu pequeno filho Aluan de 8 meses, após o cortejo passar fiquei escutando pelo Rádio o sepultamento da nossa grande mãe.”<sup>47</sup>

Antes da morte, Tia Neiva já tinha deixado instruções de como seguiria a hierarquia no vale do amanhecer, como relata Cavalcante (2011): “Todavia, consta que Tia Neiva, antes de

<sup>47</sup> Adélia Gonçalves de Sousa-depoimento dia 10/12/2023 Brasília-DF.

“desencarnar”, preparou seus sucessores, não deixando assim a comunidade no desamparo. A nova direção foi composta por quatro pessoas, embora estas tenham recebido a designação de “trinos”. São elas: seu último marido, Mário Sassi (Trino Tumuchy); seu filho, Gilberto Chaves Zelaya (Trino Ajarã); os adeptos Nestor Sabatovicz (Trino Arakém) e Michael Hanna (Trino Sumanã). Às duas filhas mulheres restaram apenas uns poucos encargos secundários na doutrina”<sup>48</sup>..Durante um breve período houve união e harmonia entre os representantes do Vale do Amanhecer, porém ao longo do tempo começaram a haver divergências.

Mário Sassi se afastou e seguiu seu caminho fora do Vale do Amanhecer, não concordando com as ideias dos trinos em manter tudo como Tia Neiva havia deixado. Após alguns anos veio a falecer, mas continua a ser lembrado pelos dirigentes e médiuns do Vale do Amanhecer por sua grande determinação e contribuição.

Dos Anos 90 a 2004, a direção do Vale do Amanhecer passou a um dos trinos escolhido por Tia Neiva, Nestor Sabatovicz (Trino Arakém). Ele foi o executivo da corrente, mantendo a organização e os médiuns unidos no Vale do Amanhecer, no Templo Mãe, enquanto o mestre Gilberto Chaves Zelaya (Trino Ajarã) ficou responsável pelos templos externos.

Com sua morte em 2 de outubro de 2004, a doutrina Passa a ser dirigida por Michael Hanna (Trino Sumanã) por um curto período, passando a acompanhar o filho mais velho de Tia Neiva, Gilberto Chaves Zelaya na Coordenação dos Templos do Amanhecer (CGTA), o que levou outro filho de Tia Neiva, Raul Oscar Zelaya Chaves, a assumir a liderança do Vale do Amanhecer até os dias atuais, juntamente com outros membros da Família Zelaya.

A comunidade cresceu e virou a cidade do Vale do Amanhecer. Nos dias atuais, possui uma infraestrutura melhor, com asfalto nas ruas, posto de saúde, várias escolas etc. Como outras cidades do DF, passa pelos mesmos dilemas urbanos relacionados com a violência, assim como passou a ter outras religiões. Igrejas católicas e evangélicas, centros espíritas, terreiros etc., contudo, ainda se tem respeito pela doutrina e seus elementos.

Os lugares do Vale do Amanhecer, como o Templo, Turigano e o Solar dos médiuns permanecem e funcionam normalmente. Hoje o Vale do Amanhecer conta com mais de “800 mil seguidores e 600 templos afiliados globalmente, de acordo com Kelly Hayes, professora associada de estudos religiosos na Universidade de Indiana, Indianápolis”<sup>49</sup>

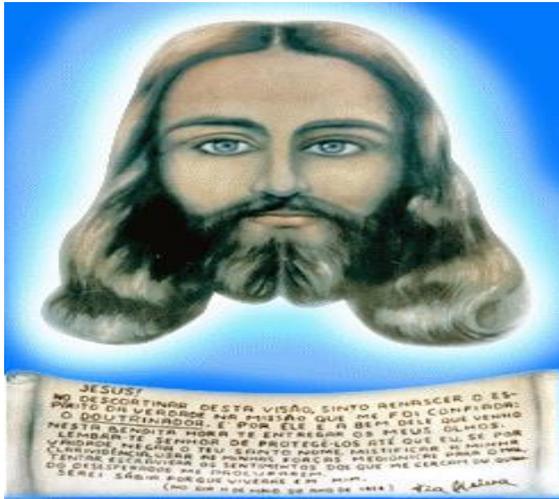
---

<sup>48</sup> Cavalcante, Carmem Luísa Chaves **Dialogias no Vale do Amanhecer** Expressão Gráfica Editora 2011 pg63.

<sup>49</sup> Kelly e Hayes-**Esoterismo Ocidental no Brasil**- Nova Religião: O Jornal de Religiões Alternativas e Emergentes, 2020.

O legado de Tia Neiva não se resume somente à sua obra, mas também à sua doutrina.

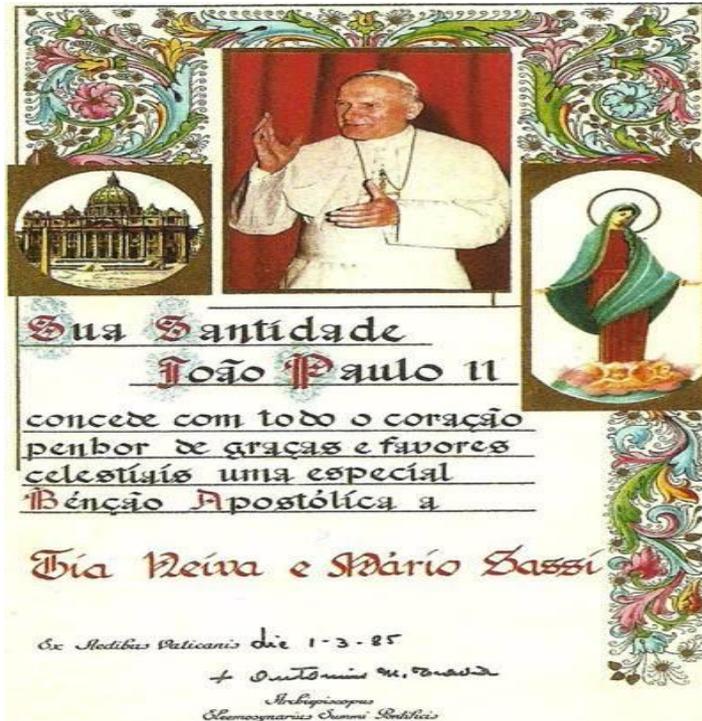
Segundo Mario Sassi:



Jesus Cristo no Vale do Amanhecer

“Para que não haja a mínima dúvida quanto a essa Doutrina, os ensinamentos do Mestre são colocados de forma acessível a qualquer mente, independente de cultura intelectual ou escolaridade. **A Doutrina do Amanhecer** se resume em três propostas básicas de Jesus: **o amor, a tolerância e a humildade**. Com essas três posições, possível a qualquer ser humano reformular sua existência, adquirir visão mais ampla da vida e equacionar seus problemas desta Terra. Alicerçada neste triângulo, a **Escola do Caminho, do Mestre Jesus**, permite compreender e analisar tudo que se passa em nosso mundo, e abrir caminho para as soluções da vida. A primeira resultante dessa filosofia básica é que a verdade só é percebida individualmente, por cada pessoa. Logo, o mundo não é como é, mas, sim, como cada pessoa o vê. Essa posição é diametralmente oposta aos conceitos vigentes nas bases da fase atual de nossa civilização, cuja posição é a de que o mundo é como é e não como nós o vemos.<sup>50</sup>”

A coexistência de ritos e de princípios doutrinários de diferentes origens não impediu que até o Vaticano se expressasse sobre o Vale:



Bênção Apostólica do Papa Joao Paulo II

“Outro momento especial na vida de Tia Neiva nos leva ao 1985, meses antes de seu desencarne recebe a visita de um amigo, o padre e antropólogo José Vicente Cesar. Ele acaba de chegar de Roma onde estivera com a sua Santidade o Papa Joao Paulo II (qual considerado por Tia Neiva um grande missionário), ocasião em que o sacerdote católico falou ao sumo pontífice sobre a médium Neiva e o Sr. Mario Sassi na doutrina do amanhecer. Assim o “Padre Cesar” acabou tornando-se portador de uma “Especial Bênção Apostólica” enviada aos dois o que deixou Tia Neiva feliz e realizada. Por ter origem e formação muito católica e pelos seus conceitos de vida, esse ato foi mais uma confirmação de que Jesus estava com ela.”<sup>51</sup>

<sup>50</sup> Sassi, Mário- **O que o Vale do Amanhecer**. 2ª ed. Brasília Vale do Amanhecer, 1987 pg15.

<sup>51</sup> Carmem Lucia Chaves Zelaya- **Os Símbolos Na Doutrina do Vale do Amanhecer** -editora Tia Neiva publicações Ltda. Brasília-DF 2009. Pg217.

## Conclusões

Ao longo da elaboração deste trabalho, pude perceber a necessidade de estudar a história de Brasília. Apesar das críticas, a nossa cidade tem muitas histórias para contar nesses 63 anos de existência.

A luta de seus pioneiros, os sonhos a serem realizados, o suor, a esperança e a dor ficaram registrados nas obras e memórias de seus descendentes. Minha pesquisa me levou ao Vale do Amanhecer, um lugar diferente de todos os que já conheci. Mantive uma linha tênue entre pesquisador e objeto, contudo, quanto mais eu lia, mais entendia a luta dos pioneiros pelo sonho da capital de todos os brasileiros.

Tia Neiva foi uma dessas pioneiras que me trouxe admiração e respeito, não somente pela sua obra fantástica que chamou a atenção no Brasil e no exterior, mas pela luta de uma viúva, mãe de quatro filhos pequenos que pouco conheceram o pai, morto precocemente. A luta de uma mãe que, para trazer o sustento para a família, atravessou os confins do Brasil com coragem, e que viu a luz da esperança na nova capital.

Uma mulher que teve como ferramenta de trabalho um caminhão no qual fazia diversas atividades e que, mesmo ao perdê-lo em um roubo, não perdeu as esperanças. A força interior de Tia Neiva e seu amor pelos seus filhos não a permitia desistir. Ela superava todas as adversidades que apareciam, seja como motorista de caminhão, de ônibus ou como costureira, o desejo de continuar em frente era maior.

É admirável que uma mulher nos anos 1950 e 1960 consiga tamanhos feitos no meio de tantos homens entre os quais era respeitada e admirada, e quando estava prestes a melhorar financeiramente, passa a receber um chamado para um propósito maior: receber a missão de criar uma doutrina com inúmeros elementos religiosos e simbólicos e mesmo assim, com pouca escolaridade, criar uma das obras mais enigmáticas que é objeto de estudo até hoje, depois de 50 anos de sua criação.

Apesar da fama, Tia Neiva não deixou seu lado simples e amoroso, alimentando com carinho e dando um teto a inúmeras crianças que eram abandonadas em seu orfanato, onde também guiou vários jovens que procuravam o Vale do Amanhecer fugindo de seus problemas familiares.

Minha intenção com este trabalho não é fazer propaganda do Vale do Amanhecer; é trazer a oportunidade de que outros conheçam a riqueza que Brasília tem de histórias e pessoas, e que muitas são perdidas pelo preconceito, pelo medo ou pela intolerância intelectual.

O Vale do Amanhecer faz parte da história da nossa cidade. É um lugar que atrai inúmeras pessoas pela curiosidade ou necessidade. O importante é lembrar que tudo isso aconteceu em um momento muito difícil para a população Brasileira, que passava pela ditadura e continuou com o regime militar. E mesmo assim o Vale do Amanhecer Passou por todas essas fases e seguiu em frente.

Rer as obras literárias do Vale do Amanhecer e a biografia de Tia Neiva é como voltar no tempo e perceber a construção do tempo da cultura, dos pensamentos, principalmente para aqueles que não viveram aquela época. Foi fazer um comparativo, sem anacronismos, e reconhecer a importância do Vale do Amanhecer para a história de Brasília. E que o Vale do Amanhecer está além do esoterismo, faz parte de nossa cultura.

## Referências

- Galeazzi, Marlene Ana. **O Amanhecer de Tia Neiva. Última Hora, Brasília, 10 ago. 1985.**
- Adélia Gonçalves de Sousa-depoimento dia 10/12/2023 Brasília-DF.
- Zelaya Carmem Lucia Chaves - **Os Símbolos Na Doutrina do Vale do Amanhecer** - editora Tia Neiva publicações Ltda. Brasília-DF 2009.
- Cavalcante, Carmem Luísa Chaves **Dialogias no Vale do Amanhecer** Expressão Gráfica Editora 2011.
- César, José Vicente. *Atualização – Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de hoje. n<sup>os</sup> 93/94*, Setembro/Outubro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1977.
- Chaia, Vera **A dimensão política de Brasília** cadernos metrópole 20 p.165-178, 2<sup>o</sup>sem. 2008.
- Galinkin, Ana Lúcia: **A Cura no Vale do Amanhecer**-Brasília-TechnoPolitik,2008.
- Holston, James **A cidade modernista uma crítica a Brasília e sua Utopia**, São Paulo, companhia das letras 1993.
- Kelly e Hayes-**Esoterismo Ocidental no Brasil**- Nova Religião: O Jornal de Religiões Alternativas e Emergentes, 2020.
- Kubitschek, Juscelino, **-Por que construí Brasília**-Senado Federal, Conselho Editorial, 2000 pg.61
- Sassi, Mário. *Mensagens de Pai Seta Branca*. Bálamo Álvares do Brasil Lucena (ed.). 4<sup>a</sup> ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1991, p. 7.
- Moreira, Vania Maria Losada. **Brasília: A Construção da Nacionalidade**. Editora Edufes 1998.
- Niemeyer, Oscar, **-Minha experiência em Brasília** 4<sup>o</sup>. ed. - Rio de Janeiro: Revan, 2006.
- Reis, Marcelo Rodrigues dos. **Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1925-2008)**, Universidade de Brasília 2008.
- Sassi, Mário- **O que é o Vale do Amanhecer**. 2<sup>o</sup>ed.brasília Vale do Amanhcer,1987.
- Sassi, Mário, **Sob os olhos da clarividente**. 2<sup>o</sup> edição editora Vale do Amanhecer Brasília
- Sassi, Mário.2000 - **A Conjunção de Dois planos**. 2<sup>o</sup>edição Brasília: Editora Vale Do Amanhecer pag.02